

**A CASA TOMBADA
FACONNECT - FACULDADE CONECTADA**

**PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU “O LIVRO PARA A INFÂNCIA: PROCESSO DE
CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E MEDIAÇÃO”**

ANA PAULA WAIMBERG

**LITERATURA PARA INFÂNCIA: A FORMAÇÃO LEITORA E O CURRÍCULO
LITERÁRIO NA ESCOLA**

SÃO PAULO

2022

A CASA TOMBADA
FACONNECT - FACULDADE CONECTADA

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU “O LIVRO PARA A INFÂNCIA: PROCESSO DE CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E MEDIAÇÃO”

ANA PAULA WAIMBERG

LITERATURA PARA INFÂNCIA: A FORMAÇÃO LEITORA E O CURRÍCULO LITERÁRIO NA ESCOLA

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Casa Tombada, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título especialista em Pós - Graduação Lato Sensu - O Livro para a Infância: Processo de Criação, Circulação e Mediação. Orientação: Prof. Anna Luiza Guimarães.

SÃO PAULO

2022

AGRADECIMENTOS

À minha família, por sempre estar me apoiando e incentivando a encarar os mais diversos desafios que surgiram mais uma vez nesta nova jornada.

Às coordenadoras Cris Rogério, Camila Feltre e Ananda Luz que me proporcionaram muitos aprendizados, risadas, acolhidas e inspirações.

Às professoras e professores da Casa Tombada que me trouxeram um novo olhar perante a Literatura para Infância, me ensinando tanto e trazendo experiências e imersões inexplicáveis.

À minha orientadora Anna Luiza Guimarães por ter sido uma figurar fundamental para que esta pesquisa se concretizasse em forma de texto, palavras e questionamentos.

À incrível turma 8, a turma do infinito, que deixou todas as noites de quartas mais especiais, leves e gostosas.

“Literatura não é luxo. É a base
para a construção de si mesmo”

Teresa Colomer

RESUMO

Não é possível pensar em Educação no século XXI sem leituras, porém a mesma se encontra em perigo, uma vez que as instituições ainda não entenderam o seu verdadeiro poder e valor para nossas crianças. Desta forma, é urgente promovermos imersões e experiências leitoras para que nossos alunos possam resgatar o prazer de ler. A escola como um lugar privilegiado para dar acesso às crianças a esse mundo literário, tem um papel fundamental, desde que suas práticas, seus currículos e sua equipe estejam alinhados de forma a entender que a educação e a literatura, antes de mais nada, são ferramentas humanizadoras. Portanto, esta pesquisa tem como objetivo verificar como se dá o trabalho realizado com a formação leitora das crianças, de modo a analisar se há um compromisso com a mesma, atrelada também a um currículo literário a ser seguido dentro de uma escola particular, localizada na cidade de São Paulo. Para entender sobre essas questões, foi preciso coletar dados a partir de textos e obras à luz de autores como: Teresa Colomer (2003), Yolanda Reyes (2010), Marina Colasanti (2012), Cecilia Bajour (2012), entre outros, cujos estudos contribuíram significativamente para o embasamento teórico do trabalho.

1. Meu Abracadabra	7
2. Campo Conceitual	13
2.1. Acesso a Literatura como um Direito Civil e Democrático	13
2.2. A Literatura dentro da Escola	15
2.3. A Formação Leitora dentro da Escola	17
2.4. Currículo Literário integrado ao Currículo da Escola	21
3. Campo de Pesquisa	24
3.1. Metodologia	24
3.2. Caracterização Escolar	24
3.3. Caracterização do Grupo	25
4. Análise de Dados	27
5. Considerações Finais	33
É uma luta!	33
6. Referências	40
7. Anexo	42

1. Meu Abracadabra

O BRINQUEDO LIVRO

*SER UM LIVRO ABERTO É NÃO TER
SEGREDOS PARA O OUTRO.*

A COLUNA DO LIVRO NUNCA DÓI.

*A ORELHA DO LIVRO FICA MAIOR QUANDO
O LIVRO FICA VELHO.*

*O LIVRO FICA DE PÉ QUANDO ALGUÉM LÊ
DEITADO.*

O RODAPÉ DO LIVRO NÃO TEM CHULÉ.

*A FOLHA DO LIVRO FICA AMARELA
QUANDO VELHA.*

*MUITOS BEBÊS FICAM AMARELOS QUANDO
NASCEM.*

*AS PALAVRAS FICAM GRAVADAS NOS
LIVROS PARA NÃO SEREM ESQUECIDAS.*

SELMA MARIA

Querido leitor,

Começo este trabalho contando um pouco sobre o MEU caminho, a MINHA viagem e o MEU per-curso de formação leitora pessoal e profissional até aqui. Te convido a ler esta pesquisa, que é fruto de indagações, questionamentos e pulguinhas na orelha, a respeito do lugar que a LITERATURA ocupa dentro da ESCOLA. Espero que ela possa te tocar de alguma forma, e que faça sentido para você também.

Então vamos lá...

Meu nome é Ana Paula Waimberg, tenho 23 anos, moro com os meus pais, Luci (paulista) e Joi (baiana), e com os meus dois irmãos mais novos, adolescentes e gêmeos, Bia e

Dedé. Estudei a vida toda em uma escola judaica. Não tenho animal de estimação. Sou taurina, organizada, estudiosa, responsável e carismática, mas também posso ser brava, cabeça dura e ansiosa. Prezo pelas minhas amizades. Tenho uma avó pela qual sou apaixonada. Sou formada em Pedagogia e hoje estou finalizando uma especialização em Literatura para Infância. Trabalho como professora e amo o que faço! Gosto de viajar e ir a restaurantes, cinemas, livrarias, feirinhas de artesanato, assistir filmes e séries.

SOU LEITORA, PESQUISADORA, AMADORA DOS LIVROS E
ADORO PASSAR O TEMPO LENDO

Mas nem sempre foi assim.

Durante meus anos na escola, a literatura esteve bem distante da minha pessoa. Lembro que quando pequena, talvez até o 5º ano, íamos à biblioteca uma vez por semana para escolhermos um livro para levarmos para casa, trocávamos o da semana anterior, pegávamos um novo e estávamos prontos para voltar à sala. Ir à biblioteca era legal apenas por ser um momento em que saíamos da sala de aula para ir a um ambiente diferente. A partir do 6º ano não me recordo de ir em nenhuma ocasião à biblioteca, era quase um ambiente esquecido por mim, e imagino que para muitos outros alunos também.

Cresci com o meu pai dizendo que não se podia economizar dinheiro com livros. Muitas vezes ele insistia para irmos às livrarias escolhermos algo para comprar e ler, mas posso contar nos dedos quantos livros li inteiros, ou não, durante a minha infância e adolescência. Talvez possa destacar alguns: O mágico de Oz; A Bolsa Amarela; Harry Potter e a Pedra Filosofal; coleção do "Querido Diário Otário"; alguns da Judy Moody e das Go

Girls. O fato era que comprar, escolher e pegar livros para ler era algo extremamente desinteressante, distante, chato e sem graça para se fazer.

Cheguei nos anos do Ensino Médio, me lembro de ter lido apenas "Vidas Secas" de Graciliano Ramos. Um clássico! Mais clássico que isso, eram as provas de comprovações de leitura que perdi as contas de quantas fiz durante a minha vida escolar - mesmo não tendo lido os livros por inteiro. Na época do vestibular, fui fazer as provas sem ter lido livro algum, afinal eram chatos, obrigatórios, havia aula de literatura para aprender o que era importante, e sempre podia contar com os resumos da internet.

Passei na faculdade! Curso de pedagogia (talvez uma das melhores decisões que já fiz até então), uma nova etapa se iniciava no ano de 2017. Muitas novidades aconteciam, eu estava imersa em um instituto que apresentava um posicionamento totalmente diferente daquele que já tinha vivido antes. Novas concepções de aluno, professor, ensino e aprendizagem foram apresentadas, era possível formar sujeitos a partir de ideias humanistas.

Por mais que esse novo universo estivesse me sendo apresentado, o mundo da literatura ainda se encontrava desacordado em algum lugar. Os livros de pedagogia eram algo que me chamavam a atenção. Eles eram apresentados pelos professores como grandes referências bibliográficas, e ter uma biblioteca com eles em casa seria algo bem importante para minha formação. Naquela época, muitos daqueles exemplares que eram comprados ficavam em minha estante como enfeites, precisava dar prioridade para ler os textos obrigatórios das aulas.

A tentativa de ler existia, mas era algo tão raro que me lembro que nessa época (era o começo da faculdade, 2017/2018) uma amiga minha estava lendo um livro que me

instigou a ir atrás para comprá-lo. O livro chamava "O ano em que disse sim: Como dançar, ficar ao sol e ser sua própria pessoa" de Shonda Rhimes, uma roteirista e cineasta americana. O livro me atraiu por conta da autora ser roteirista de uma série que assistia naquele mesmo período. A verdade é que comprei, e naquela época não terminei de lê-lo. Lembro de começar a ler em um avião indo à João Pessoa, e terminá-lo há pouco tempo.

Até que, em 2019, em meu terceiro ano da faculdade, com 20 anos, como Marina Colasanti diz em seu livro "Como se fosse um cavalo", tive o meu ABRACADABRA.

O que mais me fascinou, foi ver repetida, em versões diversas, a experiência do primeiro livro, o livro fundador que nunca mais se esquece, aquele que abriu as portas para todos os que viriam depois. [...] Eu nunca fui miraculada. Não houve uma primeira voz impressa que me dissesse: sou teu abracadabra. [...] Nunca houve um começo formal, um primeiro livro (COLASANTI, 2012, p. 19)

Em meu quinto semestre da faculdade tive uma disciplina chamada "História Contemporânea", nela lembro-me de ter lido alguns contos, assistido alguns filmes e ter uma consigna final, onde cada aluno deveria escolher um livro dentre uma lista planejada pela professora para ler até o final daquele período. Todos os livros estavam relacionados a um tempo histórico, e acabei escolhendo a obra da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, "Meio Sol Amarelo" (2008). E este foi o meu abracadabra.

Meio Sol Amarelo foi uma obra de encantamento. Foi o primeiro livro que me senti em um encontro de afetos com a literatura, uma paixão começando a se formar. Lê-lo foi aquela sensação de devorar o livro, mas ao mesmo tempo não querer que acabe. Foi uma delícia, e como sou grata a essa vivência que tive, a essa oportunidade que me foi

proporcionada por uma professora da faculdade. Antes tarde do que mais tarde.

Daí em diante um mundo de livros, de literatura e de paixões foi-se aberto para nunca mais fechar. Naquele ano, após terminar o livro de Chimamanda, fui atrás de suas outras obras, e hoje afirmo que ela é, com certeza, uma das minhas autoras favoritas. Abri um leque de repertórios literários, que até então não existia, com novas obras, novos autores e novos amigos chamados livros.

Conforme fui explorando o mundo da literatura a paixão pelos Livros para Infância foi crescendo também, por mais que o estudo sobre a mesma na faculdade fora uma decepção. Conheci duas amigas, que na época faziam a Pós de Literatura para Infância pela A Casa Tombada, e desde então sabia que estava nos meus planos fazê-la e estudar sobre o assunto assim que me formasse. Foi o que aconteceu, me formei em dezembro de 2020 e em agosto de 2021 estava começando o curso, e mais uma vez, uma nova etapa se iniciava.

Hoje carrego sempre um livro na bolsa, estou constantemente lendo alguma obra, e adoro falar sobre esse universo.

HOJE SOU LEITORA, PESQUISADORA, AMADORA DOS LIVROS E
ADORO PASSAR O TEMPO LENDO

*NAQUELE DIA DESCOBRI QUE HÁ
CAMINHOS ENTRE OS LIVROS E QUE,
ENTRE OS CAMINHOS, HÁ SEMPRE UM
CAMINHO PESSOAL PARA TRANSITAR
NESSE BOSQUE*

MARÍA TERESA ANDRUEITTO

Este trabalho surge a partir das angústias que me perseguem ao ser professora, e não conseguir enxergar nas escolas por onde passei até agora uma verdadeira preocupação com a formação literária das crianças e de seus respectivos educadores que formam as instituições escolares, que sabem da importância da mesma, mas não exercem-na na prática efetivamente. Portanto, o objetivo desta pesquisa foi verificar como se dá o trabalho realizado com a formação leitora das crianças, de modo a analisar se há um compromisso com a mesma, atrelada também a um currículo literário a ser seguido.

Para alcançar o objetivo proposto, a pesquisa está organizada em capítulos teóricos, que contam com as ideias e teorias de autores como: Teresa Colomer, Yolanda Reyes, Marina Colasanti, Cecilia Bajour, entre outros. Há também, uma análise de dados coletados com profissionais da Escola observada, e uma finalização em formato de carta apresentando possíveis conclusões, pensamentos e sugestões.

2. Campo Conceitual

Para fundamentar teoricamente essa pesquisa, foi desenvolvido um campo de reflexões que contou com a contribuição de autores considerados referências quando se trata da formação leitora e o currículo literário, além de alguns documentos oficiais.

Esse campo conceitual encontra-se subdividido em: *Acesso a Literatura como um Direito Civil e Democrático; A Literatura dentro da Escola; A Formação Leitora dentro da escola; e Currículo Literário integrado ao Currículo da Escola.*

2.1. Acesso a Literatura como um Direito Civil e Democrático

Vivemos em uma sociedade letrada, isso significa que estamos inseridos em um mundo social em que a grande parte dos meios de comunicação utilizam a leitura e a escrita como principal ferramenta. Desta forma, saber ler é uma necessidade indispensável para qualquer cidadão moderno, e não usufruir desse direito, impede o sujeito de certa forma a participar de algumas práticas sociais.

Sabemos que é dever do Estado proporcionar a todos uma aprendizagem de leitura e escrita, e por sua vez, alfabetizar a população, porém estamos cientes que isso não é executado de forma plenamente efetiva. Disponibilizar acesso à literatura, a escolaridade e materiais de qualidade a todos, precisa mais do que nunca ser uma prioridade dentro das políticas públicas do país, visto o alto número de analfabetismo no Brasil.

Reconhecendo esse direito, é preciso levantar com caráter urgente a situação que nos encontramos há anos, para que os governos do nosso país comecem a investir em uma educação de qualidade e no acesso ao direito de ler e interagir com o mundo literário. Desta forma, os projetos de leitura precisam movimentar a ideia de que a literatura não se limita a ser apenas um passatempo, ela carrega consigo a função de ser um instrumento crítico para a organização da vida dos cidadãos. É necessário que:

[...] garantam o direito de ler e de escrever de toda a população, a criar cenários para o debate público sobre as condições de acesso à

cultura escrita e sobre a legislação, planos e programas que possibilitam ou inviabilizam esse acesso, e, por fim, a criar espaços que permitam o questionamento dos lugares-comuns e ideias preconcebidas sobre o ler e o escrever, sobre seu ensino e sobre a promoção da leitura (CASTRILLÓN, 2011, p. 98)

Ao entender que a leitura não é somente um mero luxo, e sim um direito de todos, começamos a enxergá-la como um comprometimento da democracia social e dos direitos de cidadania. Um Estado comprometido com os valores democráticos, necessariamente possui o dever de ampliar as possibilidades de leitura para além das classes sociais mais altas, descentralizando o saber das mesmas. Por tanto, deve-se assegurar o acesso à leitura e ao livro para toda a sociedade. Só assim todos poderão exercer plenamente seus direitos civis individuais e coletivos.

Negar esse perfil político impede a visualização da literatura como um todo. Exclui ainda mais aqueles que já não se encontram representados e cuidados o suficientes pelas políticas públicas, aqueles que estão desempregados, são analfabetos ou que vivem em situações extremamente precárias. “Ter acesso à leitura não garante de maneira absoluta a democracia, mas não tê-lo definitivamente a impede ou pelo menos, a retarda” (CASTRILLÓN, 2011, p. 62)

Partindo de todos esses pressupostos, levando em conta a tarefa que temos em dar insistência para os verdadeiros valores da literatura e da democratização dos bens culturais, constitui-se assim, uma base sólida para o desenvolvimento de ambientes sociais qualificados, participativos e democráticos, uma vez que estamos nos referindo a um patrimônio histórico. Promover a leitura é um movimento político de um programa democratizador, é dar viabilização ao sujeito para poder ler o quê, quando e onde quiser.

Pensando nesse acesso, o ambiente familiar e instituições sociais como escolas, bibliotecas e livrarias, são espaços em que a população se encontra em contato direto com a literatura. É evidente que com a desigualdade social no Brasil, uns possuem mais acesso que outros, e por essa razão, essas instituições precisam ser pensadas como espaços privilegiados para que o encontro com esse objeto cultural aconteça com mais frequência e qualidade.

2.2. A Literatura dentro da Escola

Se falamos em democratização do acesso aos bens culturais literários, podemos focar no ambiente escolar - uma vez que a escola pode ser vista como uma instituição capaz de contribuir para que ocorra as mais diversas mudanças sociais. Nesse sentido, as escolas devem garantir que seus alunos acessem e participem de práticas de leitura para que todos - e não apenas aqueles que se encontram socialmente privilegiados - tenham as oportunidades necessárias para se constituírem leitores ativos e críticos.

Quando a escola oferece literatura de qualidade aos seus alunos, eles são incorporados a uma forma fundamental de conhecimento humano, além de dominarem a linguagem e as formas literárias, sobre as quais se desenvolvem as competências e habilidades leitoras (ferramentas imprescindíveis para terem uma participação plena na sociedade). Desta forma, se encara uma concepção de extrema importância para o desenvolvimento de qualquer projeto literário dentro da escola. É preciso entender que ler vai além da decodificação do escrito, é aprender uma cultura, se encontrar no meio da enorme diversidade que o universo literário nos oferece (obras, estilo, autores, ilustradores, gêneros, editoras, etc.), é se tornar leitor, melhorando as possibilidades de se atuar no mundo moderno com a diversa produção de conhecimento.

A partir daí, pode-se começar a desenvolver o gosto e as preferências pelas diferentes leituras e a ampliação dos conhecimentos de mundo em um contexto literário estimulante. Para que isso ocorra de uma forma ainda mais orgânica, é preciso que as escolas planejem uma linha contínua de estudo, tendo pesquisa e contato durante toda a escolaridade das crianças, desde a Educação Infantil, passando pelos Ensinos Fundamentais até chegar no Ensino Médio. Assim, cada vez mais se apropriarão da

[...] familiarização com as diferentes possibilidades de estrutura de uma narrativa ou alguns versos, nas expectativas sobre o que se espera dos diferentes tipos de personagens, na existência de regras próprias de gêneros narrativos ou poéticos determinados, no leque de figuras retóricas disponíveis etc. Assim, um conto encadeado ou cumulativo, uma trama ou uma adivinhação, uma personificação ou um herói épico, uma metáfora ou as possibilidades brincalhonas de uma polissemia serão coisas familiares muito antes do que alguém

tenha se preocupado em catalogá-las, nomeando-as do modo como são conhecidas. (COLOMER, 2017, p. 29)

A escola tendo como um dos seus pilares o ensino da literatura como algo imprescindível para a formação de seus alunos, deve também se perguntar que tipo de aprendizagem e vivência estão oferecendo às crianças, deve-se atentar em gerar um bom acervo de livros (com diversidade e qualidade nas interações literárias), permitir acesso, criar espaços e tempos consistentes para o contato e exploração do que gostam ou não de ler. Ainda dentro desse projeto, se recomenda extrapolar os muros da escola, trazendo a família para dentro da instituição, profissionais e pesquisadores especializados nesse campo de estudo.

2.3. A Formação Leitora dentro da Escola

Que leitor queremos formar? Um leitor que decodifica o texto escrito, ou que busca leituras a partir de seus próprios critérios, escolhas, opiniões e aptidões, e que compreenda o texto em suas mais diversas linguagens? Essas são duas, entre muitas perguntas, que se deve ter em mente quando falamos em formação leitora.

Demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas e contadas; conhecer e manipular materiais impressos; manusear diferentes portadores de texto reconhecendo seus usos sociais; escolher, selecionar e folhear livros e levantar hipóteses, são alguns dos encaminhamentos que a BNCC - Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) - traz para as escolas se orientarem em como construir uma formação literária para as suas crianças. Esses e muitos outros, possuem a meta de formar leitores que busquem de maneira contínua o ato de ler, inserido em um contexto, que possam exercer suas criticidades, podendo abordar livros que respeitem sua liberdade de escolha. A ideia é

Não fazer do leitor um objeto a mais de consumo, mas reconhecê-lo em sua liberdade de escolha e contribuir com a leitura para que mais e mais essa liberdade abra asas sobre ele. (CASTRILLÓN, 2011, p. 7)

Tendo isso em vista, as escolas devem se atentar a uma formação que provoque reflexões críticas e questionamentos a respeito da tomada de decisões e da formação social, onde possam reconhecer e acessar literaturas de alta qualidade em grande quantidade. Uma formação que permita os alunos serem capazes de intervir de maneira eficaz em seu modo de viver, conhecendo e participando dos acontecimentos mundiais, tudo através do leque literário que a literatura é capaz de nos oferecer.

A formação crítica, aquela que leva a uma leitura da realidade a partir de debates temáticos que afetam uma participação consciente e transformadora na sociedade, contribui para que se crie uma comunidade de alunos bem formados e informados, que possam interagir e estabelecer relações entre as aprendizagens e os conhecimentos construídos dentro e fora da escola. O leitor crítico, por tanto, se forma quando ele é capaz de se afirmar

e se reconhecer a partir de uma opinião, podendo argumentar e contra argumentar um tema no qual esteja inserido e contextualizado assumindo conscientemente para si o que foi enunciado por outro. Quando esse movimento não se dá por consciência, o sujeito se aliena a algo como um conhecimento de verdade absoluta.

E isso exige a formação de um leitor capaz de, encontrando a autoria do texto que se dá a ler, evitar armadilhas ideológicas nele contidas e posicionar-se criticamente diante do outro, tomando a palavra e tornando-o sua, produzindo sua contrapalavra. (BRITTO, 2015, p. 76)

É um caminho árduo, complexo, e que requer pensar e repensar nas práticas que estão sendo exercidas na escola. Precisa-se promover com urgência a necessidade de ampliar o acervo de livros infantis e juvenis, tanto em qualidade quanto em quantidade, ao mesmo tempo, não é porque a literatura está presente fisicamente na escola, que as instituições estão sabendo o lugar que ela ocupa.

Cabe-se valorizar os livros, fazer comparações entre eles, adquirir ferramentas de estratégias de leitura e escolha com critérios minuciosos e individuais. Deve-se promover uma formação literária com acesso ilimitado à imaginação, ao exercício de querer explorar os livros e provocar a todo momento a curiosidade aguçada. Dando essas oportunidades, a escola instiga seus alunos a criarem competências leitoras, tendo acesso a liberdade para formar suas preferências literárias, baseado no conhecimento diverso que estará ao alcance das crianças.

Queremos que as crianças possam ampliar seu repertório de gêneros, que os textos possam aguçar as suas curiosidades de conhecer o mundo, e que a literatura ocupe um lugar de instrumento cultural e social acessando o imaginário de cada um. Acima de tudo, como diz Colomer, queremos formar leitores que leiam por conta própria, integrados em uma sociedade alfabetizada e que estejam familiarizados com os diversos sistemas audiovisuais existentes. Quem sabe assim, consigam desenvolver estratégias e procedimentos de leitura, como por exemplo, realizar inferências antes e depois de ler algum texto, ou até deduzir informações implícitas em um livro.

Que consigam também, ter adesão às práticas de leitura, mostrando-se interessados e envolvidos pelo ato de ler, construindo competências e habilidades leitoras, além de identificar a função social dos textos e livros que os circulam.

Para além disso, queremos que o ato de ler se torne uma situação ritualizada cotidianamente. Que se torne algo interessante, contextualizado e instigador à realidade.

Se a mediação cultural em êxito, se os meninos e as meninas se interessam pelos livros, aprendem a lê-los e se familiarizam com a forma em que circulam socialmente (aprendem a guiar-se pelas coleções, quartas capas ou resenhas; se movimentam bem em bibliotecas ou livrarias, etc.), sua autonomia para escolher os livros progredirá paulatinamente até sua completa independência na vida adulta. (COLOMER, 2017, p. 79)

Ao colocar a formação leitora como um pilar da educação dentro da escola, precisamos olhar para quem está na linha de frente para formar as crianças. Qual será o verdadeiro papel do professor mediador diante disto? Discutiremos a seguir o lugar que o educador deve ocupar nesse caminho formador.

Para que nosso objetivo seja alcançado, é importante que o educador tenha uma formação suficiente para capacitá-lo a formar seus alunos como leitores, entrando em diálogo com a leitura e ao mesmo tempo acompanhando suas crianças na exploração do mundo literário. Deve-se assim, oferecer materiais simbólicos para que cada criança comece a descobrir desde pequena, não apenas o que é a literatura, mas qual o seu poder e a sua função na sociedade. É a partir de suas escolhas, que os alunos começam a revelar os seus gostos, tendências e interesses.

Cabe ao professor trazer para seus alunos práticas sociais de leitura, ou seja, momentos em que a literatura esteja presente contextualizada em sua forma original, e não artificialmente modificada e reduzida ao seu verdadeiro valor. O educador deve realizar um planejamento prévio para suas propostas de leitura, dessa maneira promover experiências em que as crianças possam se deparar com novos desafios e vivências enriquecedoras atuando em um papel de leitor ativo. Ao ouvir uma história, o aluno não se coloca como um

receptor de informações, há por trás disso um sujeito pensante, crítico que reflete sobre o que ouve, e amplia seu imaginário configurado pela literatura.

Um professor de leitura é, simplesmente, uma voz que conta; uma mão que abre portas e traça caminhos entre a alma dos textos e a alma dos leitores. E para fazer seu trabalho não deve esquecer que, para além de professor, é também um ser humano, com zonas de luz e sombra, com uma vida secreta e uma casa de palavras que tem sua própria história (REYES, 2012, p. 28)

Dessa forma, compartilhar experiências sobre o que foi lido; realizar sessões simultâneas de leitura, que disponibilizam livros diferentes para que os alunos decidam o que querem ler; fornecer materiais textuais diversos; planejar diferentes dinâmicas de leitura em sala de aula; propor momentos de leitura individual alternada com coletiva e promover momentos em que os alunos explorem acervo de livros da escola livremente, são algumas das ações que os educadores podem fazer para que as crianças iniciem sua caminhada de leitores. Essas são algumas iniciativas que visam a formação de uma comunidade, ajudando cada um a se colocar no papel de leitor, ajustando seu percurso e percebendo, afinal, o que gostam ou não de ler, e em que circunstâncias preferem cada leitura. É preciso planejar, por tanto, estratégias para que cada leitor se desafie a novas experiências literárias.

2.4. Currículo Literário integrado ao Currículo da Escola

A escola ao ter um olhar direcionado para a formação leitora, passa a ter a necessidade de definir objetivos para a sua educação literária, além de precisar avaliar os instrumentos que são utilizados para conseguir colocar em prática a mesma. Formular novos objetivos educativos, levando em conta as competências literárias, conduz a ideia de elaborar um currículo literário.

Pensar em currículo literário é um desafio, ainda mais pelo fato da literatura, diferentemente das demais áreas do conhecimento, não possuir um currículo consolidado. Na escola, e na vida cotidiana do professor, há ainda mais um obstáculo para essa construção: a tensão de conciliar um ensino de uma literatura formadora guiada pelo professor, ao mesmo tempo, que haja o estímulo de leituras autônomas por parte dos alunos. Por esses e outros motivos, muitas vezes encontramos educadores que não se percebem no lugar de fomentar e provocar as crianças a entrarem no universo do livro.

A ideia de se ter um currículo literário não é engessar ou rotular o trabalho do professor, porém não se resume somente a momentos de rodas de histórias ou títulos de livros pré estabelecidos pela instituição que se deve oferecer aos alunos. Construir um currículo de leitura, deve se pautar em definir e responder algumas perguntas como: Qual valor a escola atribui a leitura? Que tipo de leitor queremos formar? Quais habilidades leitoras queremos que os alunos desenvolvam a cada ano escolar? Como esse trabalho se desenvolverá ao decorrer dos anos? Quais ações cabem ao educador promover durante as rotinas da escola? Como fazer com que essas mediações estejam alinhadas com todos os profissionais que trabalham na escola? entre outras. Dessa forma, é preciso se ter claro o que se espera que os alunos construam, como por exemplo, comportamentos leitores, habilidades e estratégias de leitura, conhecimento de si e do outro, etc.

Quando se constrói um currículo, a escola passa a ter uma visão do percurso que será trilhado pelo aluno. Por essa razão, é de fundamental importância que este seja elaborado de forma ampliada, coletiva e progressiva, ou seja, contendo registrado a formação do percurso escolar do aluno, desde pequeno.

Diversidade, continuidade e progressão são os três eixos essenciais que precisam ser considerados no planejamento de um currículo de leitura para a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental. Longe de ser uma referência estática ou rígida, o currículo, ao contrário, tem na flexibilidade e na maleabilidade de recursos dos mais valiosos já que, quando colocado em prática, ele pode e precisa ser continuamente avaliado e aprimorado pelo corpo docente e pelos educadores e gestores da escola. (RIBAS, 2020)

Além da continuidade, um currículo literário deve se atentar a sua diversidade, e quando falamos em “diversidade” estamos querendo contemplar os diferentes gêneros literários, os autores e suas origens, ilustradores e editoras, diferentes características de personagens e tipos de narradores, além dos livros de coleções, os que não apresentam textos e os chamados livros ilustrados. É com essa polarização de informações que os alunos vão entrando em contato com um mundo rico e diverso em diferentes contextos, o que vai permitindo uma compreensão da leitura, para além do que está lendo, uma compreende a sua função social.

Dentro deste currículo é preciso que se tenha também os projetos e programas que a escola realiza para que essa formação literária aconteça na prática. Ao mesmo tempo, deve-se desenvolver trabalhos para além da sala de aula, que possam contemplar, por exemplo, o tripé escola - alunos - famílias para que se forme uma comunidade leitora; Pode-se pensar em idas a livrarias, bibliotecas e outros espaços leitores; Em convidar especialistas para uma conversa com os responsáveis, desde contação de história até um bate-papo com algum autor.

Os critérios literários estabelecidos pela instituição devem garantir espaços e autonomia nas práticas de cada professor para promoverem as experiências leitoras aos seus alunos. Dentre essas ações podemos destacar a leitura em voz alta pelo mediador, idas à biblioteca para realizar empréstimos de livros, sessões simultâneas de leitura, clube de livro, momentos de escolhas autônomas, entre outras. Porém, como condição imprescindível para que tudo isso ocorra, é preciso que a escola se preocupe em ter um acervo de qualidade, diverso e atualizado, além de ter espaços convidativos à essa exploração.

Algo que não podemos esquecer é da importância de revisitar o currículo literário com certa frequência e deixá-lo vivo dentro da escola.

Devemos observar a sua continuidade sempre nos questionando se as práticas ainda fazem sentido para o público em que é destinado; se os educadores ainda estão de acordo com os propósitos da escola; se os alunos estão sendo contemplados e vistos como verdadeiros leitores críticos e ativos. Não queremos que a literatura se torne algo utilitário, que um livro seja lido apenas com o intuito de ensinar algum conteúdo ou moral, precisamos revisar nossas práticas a todo momento para não cairmos em mediações automáticas, pouco exploradas e de pouco sentido para nossos alunos.

3. Campo de Pesquisa

A fim de executar o presente trabalho, que teve como objetivo verificar como se dá o trabalho realizado com a formação leitora das crianças, de modo a analisar se há um compromisso com a mesma, atrelada também à um currículo literário a ser seguido, será apresentada neste capítulo a metodologia utilizada para a realização da pesquisa; e a caracterização da unidade escolar e do público para a realização das coletas de dados.

3.1. Metodologia

A pesquisa foi realizada por meio de estudos, leituras e análises de materiais de uma escola regular, privada, localizada na cidade de São Paulo. Houve a apreciação de documentos institucionais, além de conversas, dinâmicas e formulários respondidos por uma equipe de professores atuantes nesta mesma instituição. Além disso, foi possível, ter outras trocas com educadoras que também pesquisam sobre a importância da formação leitora nas escolas que atuam em diferentes lugares.

Com o intuito de contemplar os objetivos, o trabalho foi desenvolvido a partir de coletas de dados, que serão analisados no próximo capítulo, por meio de uma pesquisa do tipo qualitativa etnográfica, ou seja, um estudo que visa compreender cenas e processos rotineiros de um certo grupo a partir de um foco específico.

3.2. Caracterização Escolar

A escola em que ocorreu a pesquisa é privada, localizada na Zona Oeste da cidade de São Paulo em um bairro de classe média alta. Essa unidade da instituição atende desde alunos no último ciclo da Educação Infantil, até o final dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com o funcionamento das 7h00 às 18h30, dividindo-se em dois períodos diurnos, o matutino e o vespertino. Há um período extracurricular, opcional, onde acontecem atividades e propostas diversificadas, e ainda contam com a presença de professores especialistas que dão aulas de capoeira, inglês,

robótica e esportes radicais. Há na instituição salas de biblioteca, ateliês de artes plásticas, refeitórios, parques, quadras, laboratórios de ciência, e muitos outros ambientes que podem ser explorados pelas crianças durante a rotina escolar.

A pedagogia da escola é orientada pela linha construtivista, com foco na formação de seus alunos, e essência na produção de conhecimento através das relações de ensino e aprendizagem, “somos uma instituição que aprende, e de forma colaborativa”, segundo o site da escola. Há um centro de formação para os educadores, com diversos cursos que acontecem em diferentes épocas do ano.

Ainda de acordo com o mesmo *site* da instituição, os pilares da escola se resumem a autonomia, investigação, colaboração e diversidade. Temas como acolhimento, importância do Brincar e linguagens artísticas plásticas são encontrados nesta referência também. Entretanto, não se encontram muitas informações a respeito da importância da formação leitora das crianças. Há um pequeno recorte a respeito da biblioteca da escola, tida como Centro de leitura, investigação e pesquisa.

O espaço conta com uma biblioteca física com acervo voltado para a literatura infantil, infanto-juvenil e livros de estudo, para professores e alunos. Há, ainda, um palco para apresentações, mobiliário de fácil movimentação e reconfiguração, som ambiente, estrutura para projeção de vídeos, notebooks e tablets conectados à internet. Esse conjunto oferece aos alunos a oportunidade de formar seus próprios instrumentos de leitura e de constituírem-se leitores autônomos, com um olhar sensível e interessado pela literatura

3.3. Caracterização do Grupo

A coleta de dados ocorreu por meio de diversas fontes de pesquisa. Foi realizado conversas com profissionais da escola, uma dinâmica de Grupo Focal com a equipe pedagógica, que também respondeu a um formulário contribuindo com mais informações. A primeira conversa foi realizada com uma profissional da instituição, responsável pelos eventos culturais e literários que acontecem na escola.

No grupo focal pude contar com a presença de sete educadoras, que atuam em diferentes cargos, entre o final da Educação Infantil e o 1º do Ensino

Fundamental, haviam coordenadoras, professoras e auxiliares de classe. Por fim, no formulário obtive um total de nove respostas, referentes também a esse segmento de ensino da escola.

4. Análise de Dados

A fim de darmos início à análise dos dados, retomarei o objetivo desta pesquisa, qual seja: verificar como se dá o trabalho realizado com a formação leitora das crianças, de modo a analisar se há um compromisso com a mesma, atrelada também a um currículo literário a ser seguido.

Em um primeiro momento tive a oportunidade de conversar com uma profissional da instituição, responsável pelos eventos culturais e literários que acontecem na escola. Nessa conversa pudemos abordar o tema da pesquisa e ela pode trazer um pouco sobre o seu ponto de vista a respeito do assunto.

Como uma educadora que atua fora da sala de aula, M. diz achar um desafio conciliar a formação leitora com um currículo literário. Questiona se é possível unir essas duas pontas, mas que seja sensível e libertária ao mesmo tempo que trace um percurso literário para todos os alunos.

“De que maneira você forma um ser sensível junto com uma construção teórica, mais prática do sujeito? Como que a gente pode ir intermediando essas duas pontas, que a princípio parecem ser pontas diversas? Como podemos estruturar uma experiência que na verdade nasce da liberdade que a literatura nos permite ter?”

M. acredita que a escola vem se mostrando preocupada com a formação leitora das crianças, que é um trabalho de via de mão dupla, tanto por parte das professoras regentes das salas de aula, quanto da equipe que se encontra responsável pelo trabalho na biblioteca. Ao mesmo tempo afirma que é um trabalho que vem acontecendo de forma intuitiva, por não existir um documento oficial registrado por parte da escola.

“Acho que é essa proposta vem acontecendo de forma sensível, que parte muito da bagagem de cada pessoa que vai fazendo essas mediações com as crianças...Vejo que por enquanto, é assim que trabalhamos aqui, mesmo tendo projetos muito bem estruturados e definidos com a literatura, dos quais surgem muitos outros pontos possíveis de interpretação literária. Acho que são projetos que vão amparando essa formação literária”.

Como responsável pelo trabalho literário da biblioteca, a educadora diz que este deve apresentar a literatura como um caminho de liberdade, como

um momento em que as crianças são livres para explorarem o que e como quiserem, já que a leitura para ela não é um hábito, e sim algo a ser construído em coletivo pela escola, crianças e famílias. “O mais bonito de oferecer a literatura na escola para as crianças é oferecer essa liberdade, mostrar as boas escolhas, o que é estranho, o que incomoda, o que é bonito, o que é triste. Mostrar o que é cuidado, e como isso é cuidado, ampliando o repertório nas mais diversas áreas, trazendo a diversidade.”

Ao decorrer da conversa, M. traz exemplos de projetos que já aconteceram durante o ano, como o Mês Literário em homenagem ao escritor Manoel de Barros, ou até mesmo o evento do carnaval, onde Elza Soares foi consagrada e pode aparecer por alguns vieses literários trazidos pela literatura negra.

“Então não sei, talvez a gente já esteja fazendo um currículo de literatura sem perceber, e não sei o quanto é bom a gente estruturar isso. Meu receio é perder a liberdade que a literatura nos trás por algo engessado a ser cumprido por todos... acho bastante complexo.”

A partir daí a conversa foi se voltando para os educadores que trabalham nas salas de aula, e M. começa a dizer que muitas vezes as escolas acabam entrando em um piloto automático, virando uma máquina, sem tempo para mexer e inovar as práticas didáticas. A pesquisadora diz que para ter um bom trabalho com a literatura a escola deve estar preocupada em formar sua equipe como mediadores de leitura: “Afinal, se você não é um leitor, como você vai mediar uma leitura? Se não formamos nosso corpo docente como verdadeiros leitores, não conseguiremos dar as verdadeiras experiências leitoras às nossas crianças” - diz M.

Diante disso, para dar continuidade a essa pesquisa, mais duas coletas de dados foram realizadas, uma em formato de grupo focal, com o propósito de se discutir a prática didática dos professores e outra em modelo de formulário, voltada para a formação leitora da equipe pedagógica. Ambas propostas aconteceram com uma equipe de educadores, com cargos diversificados, como coordenadores, professores, auxiliares e estagiários, que atuam entre o último ciclo da Educação Infantil e o 1º ano do Ensino Fundamental 1.

A equipe pedagógica referente a esses anos escolares é formada por vinte profissionais, sendo: duas coordenadoras, nove professoras, cinco auxiliares e quatro estagiários. Infelizmente para a dinâmica do grupo focal, pude contar apenas com a presença de sete educadores, uma vez que pedi um espaço de aproximadamente 20 minutos de uma reunião pedagógica, entretanto a gestão não pode me ceder essa solicitação, pois havia outras demandas para serem tratadas com mais urgência. Desta forma o plano B foi marcar um zoom, e convidar a equipe em um horário extra, mas sabemos que é algo sempre complicado para os professores, já que possuem uma carga de trabalho grande fora do seu horário na escola.

O grupo focal se deu por meio de uma conversa entre os participantes presentes a partir de uma pergunta mediadora, que gerou um bate papo com o objetivo de focar nas práticas didáticas dos professores, em relação a formação leitora das crianças. Desta forma, a dinâmica girou em torno da questão: *“Pensando no currículo da escola, como é que vocês equilibram, nos fazeres didáticos do dia a dia, a literatura ligada à formação leitora das crianças e as expectativas de aprendizagem de cada ano?”*

O grupo de educadores começa a conversa dizendo que acreditam que a formação leitora é algo importante e que está presente nas práticas do dia a dia da escola. Que contemplar as expectativas anuais é algo muito natural e por essa razão a formação leitora já está atrelada na didática cotidiana. Afirmam que esse equilíbrio que a pergunta norteadora traz é algo muito claro, pois o propósito maior, justamente, é a formação das competências leitoras das crianças.

“Quando isto está bastante introjetado no nosso trabalho, e está fluido, mesmo aquelas leituras que nos preparamos menos para fazer, elas não deixam de ter uma intencionalidade da formação leitora.” - Diz a educadora L.

“Eu que tive experiente em outras abordagens, eu ficava bastante apreensiva que a leitura estava sempre a serviço de algo, sempre na sequência vinha uma proposta, muitas vezes não havia nenhuma conexão, apenas para a criança desenhar ou preencher algum exercício... Me fez um bem danado trabalhar com a literatura por uma apreciação estética. São tantos tipos de leitura que fazemos na nossa vida como leitor, que isso precisa estar entrelaçado no nosso dia a dia como professor. Isso envolve colocar as crianças em contato com a diversidade, e de certa forma, com uma beleza e identificação literária. É isso que fazemos, causamos esse efeito

quando apresentamos diversas leituras, e as crianças, por sua vez, vão criando uma vontade própria de buscarem seus recursos para ler. Acredito que isso está atrelado ao nosso trabalho, tanto com os nossos projetos estruturados, quanto com a preocupação de criar o gosto pela leitura propriamente dita.” - Completa a professora J.

A partir desta intencionalização, as educadoras vão trazendo outros exemplos de como a formação leitora está contemplada durante o ano escolar. Trouxeram situações comuns, como por exemplo, momentos de cantos pedagógicos de leitura (espaços temáticos montados com intencionalidade para as crianças explorarem livremente e fazerem novas descobertas por meio do brincar). Afirmam acreditar que em propostas assim, muitos vão começando a conhecer e descobrir seus gostos e desgostos para além dos projetos didáticos. “É por meio disso que eles vão se identificando com o que eles gostam e descobrindo o que chama sua atenção nos livros, se é o autor, se é a ilustração, se é o gênero literário” - Diz a professora R.

Quando começam a falar nos possíveis desafios que encontram nesta perspectiva, educadora Ma. diz que ao falar em formação leitora está se referindo também no “como” fazer as crianças terem interesse pela leitura e que muitas vezes acha que existe um movimento de tirar o livro do momento livre e instituí-lo como algo obrigatório. Se manifesta ao afirmar:

Eu vejo muitos de nossos alunos desinteressados em pegar livros na biblioteca ou em momentos de cantos. Muito desinteressados em atender essa expectativa que a gente tem. Muitas vezes eles pegam o livro, olham a capa e jogam na caixa, e talvez a minha pergunta de milhões seja justamente essa: Como despertar esse interesse, esse encantamento pelo livro nas crianças.

A conversa vai se passando por outros pontos e momentos, até que o grupo começa a discutir sobre o currículo literário e sua função. A princípio a instituição não possui algo formal documentado que possa chamar de currículo e isso é algo que as educadoras reconhecem. Trazem o ponto de que ter algo registrado não necessariamente significa um engessamento do trabalho que vem acontecendo, mas que seria interessante para se dar um norte em relação às práticas didáticas. “Sem uma documentação é difícil atingir nossas expectativas de aprendizagem. Na verdade, a vejo como um horizonte para o nosso trabalho” - diz a professora A

As educadoras manifestam, em uma determinada forma, uma certa apreensão em não possuir um documento que possa ajudá-las a permear as práticas didáticas, em relação a essa formação leitora e as expectativas de aprendizagem que devem ser atingidas. Segundo elas, a falta de registro acaba se esbarrando em outras áreas do conhecimento, mesmo sendo visto como algo importante de se ter.

“Eu vim de outra perspectiva, e pude ver a implementação de um projeto novo na escola em que trabalhava. Fez-se um currículo em que se dava essa valorização para a literatura, e isso faz toda a diferença. O trabalho não estava na conta do professor em trazer a literatura para a sala por conta própria, estava previsto no currículo, na formação das crianças, nas expectativas de aprendizagens, e ao meu ver, é isso que garante que a gente consiga trabalhar com continuidade” - professora J.

O grupo focal se encerra com um ponto em comum trazido pela educadora M. em nossa primeira conversa individual: a formação leitora da própria equipe pedagógica. O peso que essa formação deve ter e como ela deve acontecer. “Para conseguirmos atingir nossos objetivos precisamos ter uma equipe formada, nem que ela entre como uma formação continuada” - Afirma a professora A. Entretanto, são poucos momentos em que a escola disponibiliza para dar formação à sua equipe, seja ela em serviço ou continuada.

Assim, parto para mais um mecanismo de coleta de dados, desta vez em formato de formulário. Mais uma vez, não pude contar com um número significativo que representasse a maior parte da equipe, formada por 20 profissionais. Obtive apenas nove respostas. O questionário foi pensado com o foco na formação leitora da equipe pedagógica, tendo como inspiração para suas perguntas a última pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”.

O formulário foi composto por 16 perguntas, contemplando desde identificação do nome, graduações e especializações dos entrevistados, até o que os mesmos gostam de fazer em seus momentos livres, quais são suas preferências leitoras e o que elas representam. O objetivo era trazer esse leitor educador para dentro da pesquisa, tentando entender qual é o perfil deste professor que está em sala de aula e como isso pode refletir em suas práticas didáticas, quando falamos em formação leitora das crianças.

Diante disso, algumas pontuações serão trazidas a seguir. Todos os participantes possuem pelo menos uma graduação, ou ainda estão cursando-a, entretanto, quando se pergunta a respeito de uma pós graduação e ou especialização, o número cai pela metade; 100% dos entrevistados se consideram leitores e ao serem questionados sobre o que a literatura representa para eles trazem respostas como: *“Alimento para alma e fonte de conhecimentos”*; *“Momento de prazer”*; *“Significa adentrar em um universo novo, explorar cada página e saborear as histórias”*.

Todos os envolvidos afirmam também ler em seus momentos de lazer, sendo suas maiores motivações o prazer e os estudos, porém não são todos que estão lendo um livro neste momento. 60% dos entrevistados não conseguem dizer ou escolher um livro, um autor ou um gênero literário preferido. Por fim, 33,3% afirmam dedicar de quatro a dez horas semanais à leitura, e 66,7% de uma a três.

5. Considerações Finais

É uma luta!

*CERTA PALAVRA DORME NA SOMBRA
DE UM LIVRO RARO.*

COMO DESENCANTÁ-LA?

É A SENHA DO MUNDO.

VOU PROCURÁ-LA.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Querido leitor (mais uma vez),

Definitivamente essa pesquisa não se encerra aqui. Depois de ler muito, estudar mais um tanto, realizar entrevistas, conversas e muitas trocas, só tenho mais certeza de que a LITERATURA é um universo mais que potente. Depois de um ano e meio de jornada de pós-graduação, o que fica é a vontade de querer pesquisar mais, promover experiências leitoras a todas as crianças que existem por aí e sonhar alto.

Aqui irei fazer uma espécie de conclusão e considerações finais de tudo que esta pesquisa me proporcionou a pensar, construir, refletir e questionar ainda mais, tentando atrelar a teoria estudada com as práticas que as Escolas vem se mostrando fazer. Não seria justo, não citar nomes como Isabella Zappa e Rosinha Walcacer, duas mulheres incríveis, guerreiras e lutadoras em prol da infância e literatura, que se disponibilizaram para conversar comigo e trocar muitos conhecimentos a respeito desse mundo literário.

Falar em LITERATURA é pensar em MEDIAÇÃO, ENCONTRO, FORMAÇÃO... Falar em LITERATURA dentro da escola, é tudo isso e muito mais: é pensar nos DESAFIOS, nas PRÁTICAS, no perigo da PEDAGOGIZAÇÃO LITERÁRIA, no CURRÍCULO... é sobre um pouco disso que vou tentar falar nesta última parte.

O trabalho com a literatura exige um comprometimento do professor, precisamos saber que não basta pegar um livro qualquer, lê-lo em um momento sem preparação, ou até mesmo em uma roda de história só para se cumprir por tabela. O educador aqui, assume um papel de MEDIADOR, mas no sentido de caminhar junto, de acompanhar seus alunos lado a lado e proporcionar vivências leitoras, experiências qualitativas e significativas para que os mesmos possam se encantar pelo universo literário.

Nós, professores, precisamos repensar como estamos convidando nossos alunos à literatura. Como eu apresento este objeto que é o livro? Como eu mostro este livro para as crianças? Como que o meu corpo se apresenta para eles neste momento? Não é somente sobre o espaço físico, mas nós, adultos, também somos um convite. Precisamos nos mostrar disponíveis para essas experiências. Quando estamos inteiros e imersos naquilo que acreditamos, as vivências acontecem de forma mais viva, mais orgânica, e realmente mais feliz. A mediação é relação, conexão, encontro e vínculo, afinal, o que as crianças mais gostam é de estar perto, é de assistir o adulto se maravilhar com aquilo que está contando, e saborear nossos gestos, nossas vozes e nossas emoções.

Uma mediação competente motiva a criança na busca do livro, onde o conhecimento e a liberdade se constroem da autonomia e do encontro com o outro. Ela pode, por si mesma, descobrir ali um verdadeiro prazer pela leitura, e é desta forma que o aluno encontra o lugar do livro em sua vida.

Já foi dito nesta pesquisa, que nada disso é possível se o educador não possuir um olhar sensível para este mundo. Este olhar se constrói a partir de uma FORMAÇÃO, que deve estar relacionada tanto a formação leitora pessoal do professor, quanto a formação continuada e em serviço do mesmo profissional. Quem é este educador? Ele é um leitor? Ele estuda sobre as transversalidades da literatura? Ele se preocupa em sua prática, trazer a literatura como algo essencial para seus alunos? De que maneira? Ele é um mediador potente?

Se constituir como leitor é algo que está praticamente em suas mãos, mas, algo que gostaria de aqui ressaltar para as Escolas, é que é dever das Instituições de ensino promover encontros formativos para sua equipe. Muitas vezes vejo escolas proporcionando encontros pedagógicos a respeito da matemática, da área de linguagens e alfabetização, das artes plásticas, etc., mas nunca voltado para o campo da literatura. A mesma, sempre parece ocupar um lugar coadjuvante nas escolas. Enquanto essa ideia permanecer, será quase impossível proporcionarmos à nossa comunidade escolar, uma literatura com o seu verdadeiro valor.

Falo isso, porque sinto que no meu atual momento profissional, encontro (assim como encontrei fazendo a dinâmica do grupo focal para o desenvolvimento da análise de dados da pesquisa) muitos educadores afirmando, com todas as letras, que se consideram leitores e que entendem a importância do papel da literatura para as crianças e da transcendência da formação leitora dos alunos, através de um discurso coerente e lindo, mas quando vemos na prática, essas ideias se resumem a algo muito menor em relação ao que a literatura é capaz de promover e fazer acontecer.

Se não tomarmos os devidos cuidados, as escolas podem se transformar (se já não estão se transformando) em

verdadeiras destruidoras de leitores. Afinal, se as instituições não se revolucionarem na sua forma de pensar e agir, estaremos lidando cada vez mais com sujeitos que possuem repulsa a literatura, a livros e ao ato de ler.

É claro que falar de teoria é uma coisa, e tentar conciliá-la na prática é outra, e aí está nosso desafio! É preciso tentar. Precisamos promover o máximo de experiências leitoras que nossas crianças merecem. Encontros que não necessariamente requerem muitas estruturas, o importante é serem de qualidade, afinal, não é só o que se conta, ou onde se conta, é também COMO SE CONTA. Precisamos levar nossos leitores a uma jornada, que possam aprender a gostar de ler, simplesmente pelo prazer de se pegar um livro e lê-lo, e assim, podemos aos poucos criar uma imersão de experiências narrativas para nossos alunos.

Acredito, que para mim, esse hábito prazeroso de leitura, se dá a partir de uma exposição constante das crianças, desde bebês, perante os mais diversos livros. Um contato sem obrigações de tarefas adicionais, sem ler PARA fazer alguma coisa, apenas LER POR LER! Quanto mais lermos PARA as crianças e COM as crianças, maior será seu interesse pela busca deste universo. Talvez assim, possamos encarar a literatura como nosso MEIO, e não como FIM de algo que queremos acessar.

Acima de tudo, é um processo de valorização do livro, enquanto um objeto do cotidiano, é a inserção do livro como algo que faz parte da vida da criança. Desta forma, nós, educadores, precisamos resgatar essas experiências leitoras, pois nossos alunos GOSTAM de histórias... muitas vezes as questões são mais simples do que nós pensamos.

E quando a Escola se diz preocupada com tudo isso, mas seu currículo não condiz com seu discurso?

Infelizmente, esta é a realidade que mais vejo por aí. Uma literatura se encontrando cada vez mais PEDAGOGIZADA, ou seja, cada vez mais atrelada a funções utilitárias. Aparecendo muitas vezes como uma extensão do livro didático, ou uma obrigatoriedade para se cumprir uma determinada sequência didática, projeto e/ou atividades permanentes, que por aí guiam as séries que compõem os anos escolares. Uma literatura que está ligada cem por cento às questões cognitivas, algo que, de certa forma, encontrei em minha coleta de dados, ao conversar com as educadoras da escola na dinâmica do grupo focal.

Com esses dados coletados e analisados, consigo dizer que muitas vezes a literatura está atrelada a um objetivo maior que não condiz com a própria literatura. Onde estaria a fruição literária? Onde estão os momentos (além de ir uma vez na semana à biblioteca) para as crianças apreciarem e trocarem experiências leitoras? Quais são as verdadeiras possibilidades quando temos um trabalho intuitivo? O que perdemos com isso? Onde a literatura se encontra fora dos entrepostos do cotidiano? Esses são alguns pontos que deixo como questionamentos para refletirmos sobre as nossas ações.

Ao meu ver, portanto, o primeiro passo que as escolas precisam fazer, é justamente olhar para seus currículos e práticas, e analisarem o quão alinhados os mesmos estão com os nossos lindos discursos sobre a importância da literatura para nossos pequenos. Ou esse alinhamento existe, e por tanto, os currículos passam a mudar colocando a literatura em um verdadeiro pedestal (ou em pé de igualdade com as demais competências e disciplinas), ou, infelizmente, não conseguiremos ter alunos leitores em sua plenitude do que é ser um leitor.

E quanto a equipe educacional? Mais uma vez repito, se a escola não promover encontros literários, imersões em

livros, palestras formativas, dificilmente esta equipe se mostrará preocupada com tudo isso que foi discutido aqui. Afinal, o que empodera um educador é o estudo!

Por tanto, meu querido leitor, a literatura nas escolas precisa ser entendida como um VALOR, a partir daí, o modo de pensar e de se executar vai se dando de forma mais natural e orgânica. O mundo do aluno precisa ser mais amplo, se não for assim, as escolas estarão falhando com o seu verdadeiro objetivo. O livro é um instrumento poderoso e as instituições ainda não se deram conta disso.

Assim, o que fica para você é: devemos disponibilizar livros o tempo todo e mantê-los nas mãos das crianças, porque a literatura não é luxo, é a base para a construção de si mesmo, como Teresa Colomer nos diz. Vamos usar a literatura para olhar a criança, para criar espaços onde os alunos possam ser quem eles são, quais são seus gostos, seus desejos e suas vontades, espaços onde eles não serão tolhidos e possam se expressar como bem entender, e de sua melhor forma.

Ficar na superficialidade não nos leva a lugar nenhum, muito menos na zona de conforto, reafirmando aqueles clichês. As escolas precisam vibrar pela literatura, e mostrar isso a sua comunidade é de fundamental importância. O convite a esse universo deve ocupar todos os espaços da instituição, da biblioteca ao do tanque de areia. LITERATURA É NO CHÃO DA ESCOLA, VIVA E CHEIA DE PRAZER!

*ERA UMA VEZ UMA CRIANÇA... QUE ESTAVA COM
UM ADULTO... E O ADULTO TINHA UM LIVRO... E
O ADULTO LIA. E A CRIANÇA FASCINADA,
ESCUTAVA COMO A LÍNGUA ORAL SE FAZ
LÍNGUA ESCRITA. A FASCINAÇÃO DO LUGAR*

*EXATO ONDE O CONHECIDO SE TORNA
DESCONHECIDO. O PONTO EXATO PARA
ASSUMIR O DESAFIO DE CONHECER E
CRESCER.*

EMÍLIA FERREIRO

6. Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e Ministério da Cultura. **Plano nacional do livro e literatura (PNLL)**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2006

ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso: leitura e formação**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2015

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011

COLASANTI, Marina. **Como se fizesse um cavalo**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2003

_____. **A introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017

DUTRA, Erica de Faria. **Currículo literário na escola**. São Paulo, 9 de abril de 2021. Disponível em:

<https://blog.ataba.com.br/curriculo-literario/#:~:text=Quando%20apostamos%20na%20escola%20como,das%20pr%C3%A1ticas%20exercidas%20fora%20dela>

Acesso em: 05 de julho de 2022

KUASNE, Selma Maria. **Um pequeno tratado de brinquedos para meninos quietos**. São Paulo: Peirópolis, 2009.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. São Paulo: Global, 2016

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: Leitura e literatura na primeira infância.** São Paulo: Global, 2010

_____. **Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação.** São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012

RIBAS, Sérgio. **Como pode ser o currículo de leitura na educação infantil e nos anos iniciais?.** São Paulo, 21 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Como-pode-ser-o-curriculo-de-leitura-na-educacao-infantil-e-nos-anos-iniciais>> Acesso em: 05 de julho de 2022

WALCACER, Rosa. [Entrevista concedida a] Rosa Walcacer. Outubro de 2022.

YURIE, Ingrid. **Como ter um currículo literário favorece a formação de leitores.** São Paulo, 21 de fevereiro de 2022. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/20973/como-ter-um-curriculo-literario-favorece-a-formacao-de-leitores>> Acesso em: 05 de julho de 2022

ZAPPA, Isabella. [Entrevista concedida a] Isabella Zappa. Outubro de 2022.

7. Anexo

Link para acessar o Formulário disparado para o grupo de professores responder, a respeito da própria formação continuada e leitora.

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScgagQHovRq-hpxl-vERIW1TDUrUqZViWYOBPHoVrSyf08w5Q/viewform?usp=pp_url